

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

DANIELI BRAMBILA DE SOUZA

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

MARINGÁ
2019

DANIELI BRAMBILA DE SOUZA

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Profa^a Dr^a. Rubiana Brasílio Santa Bárbara.

MARINGÁ
2019

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
1 INTRODUÇÃO	5
2 LEGISLAÇÃO E CARACTERÍSTICA DO TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	7
3 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES.....	13
4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS EM CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO

Esse trabalho objetiva apresentar, à luz da teoria histórico-cultural, intervenções pedagógicas voltadas às crianças da educação infantil com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mesmo com o crescente número de estudos em torno do tema autismo, nota-se a necessidade de abordar sobre as formas possíveis de intervenção pedagógica. Assim, a pesquisa tem a seguinte pergunta norteadora: Como o professor da educação infantil pode desenvolver e potencializar as funções psicológicas superiores da criança com TEA por meio de intervenções pedagógicas? A pesquisa tem caráter bibliográfico, e sua relevância científica está baseada em uma reflexão social e pedagógica. Assim a pesquisa foi dividida em três momentos. No primeiro momento apresentaremos as leis que amparam a criança com TEA. Em um segundo momento trataremos da Teoria Histórico-Cultural e o desenvolvimento da criança como possibilidade para a reflexão em torno do ensino e aprendizagem da criança autista. Em terceiro momento, mostraremos algumas possibilidades de intervenções pedagógicas voltadas para as crianças com autismo na educação infantil a partir da teoria histórico-cultural. Concluímos a necessidade de pensar em uma educação-ensino para todos, voltado para a compensação de qualquer tipo de deficiências, carências e que seja capaz de desenvolver por meio de atividades e ações as funções psicológicas superiores da criança, pautada na Teoria Histórico-Cultural, de maneira a vislumbrar uma educação ideal, onde, as máximas elaborações humanas sejam prioridade.

Palavras-chave: Intervenções Pedagógicas; Autismo; Desenvolvimento Humano; Teoria Histórico- Cultural; Educação Infantil.

ABSTRACT:

This paper aims to present, in the light of historical-cultural theory, pedagogical interventions aimed at children of early childhood education with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Even with the growing number of studies on autism, there is a need to address the possible forms of pedagogical intervention. Thus, the research has the following guiding question: How can the preschool teacher develop and enhance the functions psychological problems of children with ASD through pedagogical interventions? The research has bibliographic character, and its scientific relevance is based on a social and pedagogical reflection. Thus research was divided into three moments. In the first moment we will present the laws that support the child with ASD. In a second moment we will deal with the Historical-Cultural Theory and the development of the child as a possibility for reflection on the teaching and learning of the autistic child. Thirdly, we will show some possibilities of pedagogical interventions aimed at children with autism in early childhood education from the historical-cultural theory. We conclude that the possibilities of stimulus-based pedagogical interventions so that the superior functions of children with ASD in early childhood education can be transformative and empowered.

Keywords: Pedagogical Interventions; Autism; Human development; Historical-Cultural Theory; Child education.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva apresentar, à luz da teoria histórico-cultural, intervenções pedagógicas voltadas às crianças da educação infantil com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mesmo com o crescente número de estudos em torno do tema autismo, nota-se a necessidade de abordar sobre as formas possíveis de intervenção pedagógica. Assim, a pesquisa tem a seguinte pergunta norteadora: Como o professor da educação infantil pode desenvolver e potencializar as funções psicológicas superiores da criança com TEA por meio de intervenções pedagógicas?

Por meio de pesquisa bibliográfica recorreremos a documentos que tratam da lei para as pessoas com o TEA, também livros, artigos (impressos ou online), assim como, estudos da teoria histórico-cultural. A escolha do tema tem origem na experiência com o atendimento de uma criança com TEA em uma escola de rede privada em que atuava. A partir dessa experiência vivenciei os desafios de um profissional em entender o comportamento da criança e as dificuldades em sua comunicação e relacionamento com as outras crianças e professores. A pesquisa tem relevância científica e social por levar a reflexão sobre o que estamos desenvolvendo na qualidade de educadores, na possibilidade de pensar no ensino e na aprendizagem das crianças autistas a partir do conhecimento prévio, ou seja, o que está na zona de desenvolvimento real (ZDR) para que esse aluno possa atingir a potencialidade e autonomia, pensando na zona de desenvolvimento potencial (ZDP) para que seja possível estimular a comunicação, o relacionamento, o pertencimento a um grupo, a autoestima que levam a possibilidade de ampliar a capacidade dessas crianças em conhecer, em aprender, portanto, instrumentaliza o professor para intervenções pedagógicas significativas para a criança que apresenta o transtorno.

O autismo segundo Ribeiro e Blanco (2016, p. 2), é caracterizado como o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), e está relacionado a uma série de distúrbios, principalmente do desenvolvimento, “caracterizados por prejuízos na comunicação, na interação social e padrões restritos de comportamento”. Ainda, de acordo com as autoras mesmo que cada “pessoa com TEA seja diferente, todas partilham dificuldades semelhantes, podendo estas dificuldades ser evidentes a partir do nascimento ou se tornarem mais perceptíveis no decorrer do desenvolvimento”.

Assim, para Silva (2019, p.2) o autismo é visto como uma desordem na qual uma criança, ou jovem não consegue desenvolver relações sociais de uma maneira

considerada pela sociedade como dita normal, “se comporta de modo compulsivo e ritualista, e geralmente não desenvolve inteligência normal, porém isso não é uma regra, de acordo com pesquisas realizadas por especialistas”. Estudos realizados têm mostrado nos últimos anos, que muitas crianças que apresentam o TEA têm a sua inteligência preservada, principalmente as que o autismo leve está presente, além disso, também tem o seu desenvolvimento psicomotor ou afetivo preservado. No entanto, segundo esse autor a dificuldade de se relacionar é uma das características mais marcante do autista.

Dessa forma, acreditando na potencialidade do desenvolvimento da pessoa com deficiência é que a teoria Histórico-Cultural embasará essa pesquisa. Vygotsky (2007) afirma que é importante o entendimento dos processos mentais do indivíduo para delinear programas de intervenções educacionais e desenvolvermos ao máximo as potencialidades cognitivas e o ambiente escolar é propício no estímulo destas vivências. Assim sendo, a inclusão é muito mais que inserir e matricular a criança, ela deve ser feita pautada em propostas pedagógicas que atendam às necessidades dos educandos.

Segundo Vygotsky (apud, MAIOR E WANDERLEY 2016, p. 2), por meio do entendimento das funções psíquicas superiores em que se encontram “a memória, a atenção, lembrança voluntária, a memorização ativa, a imaginação, a capacidade de planejar, estabelecer relações, a ação intencional, o desenvolvimento da vontade”, encontram-se ainda de acordo com o autora “a elaboração conceitual, o uso da linguagem, a representação simbólica”, que são os responsáveis por formar um sistema funcional que partem das interações sociais. Assim, a interação social é uma das principais dificuldades do autista, comprometendo o seu relacionamento social e que sua maior dificuldade está atrelada a comunicação e o relacionamento social, é nesse aspecto que se encontra o maior desafio das intervenções pedagógicas.

Dividimos nossa pesquisa em três momentos. No primeiro momento apresentaremos as leis que amparam a criança com TEA, bem como as características principais que envolvem o transtorno.

Em segundo momento trataremos da Teoria Histórico-Cultural e o desenvolvimento da criança como possibilidade para a reflexão em torno do ensino e aprendizagem da criança autista. Nesse momento desenvolveremos os conceitos da teoria a respeito das zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial e a compreensão do desenvolvimento da criança e a interação social a partir da

compreensão das funções psíquicas superiores tais como: a memória, a atenção e a lembrança voluntária, a memorização ativa, a imaginação, a capacidade de planejar, estabelecer relações, a ação intencional, o desenvolvimento da vontade, a elaboração conceitual, o uso da linguagem, a representação simbólica, os quais formam um sistema funcional a partir das interações sociais.

Em terceiro momento mostraremos algumas possibilidades de intervenções pedagógicas voltadas para as crianças com autismo na educação infantil a partir da teoria histórico-cultural para que seja possível desenvolver e potencializar as funções psíquicas superiores da criança autista.

Concluimos com a necessidade de pensar em uma educação-ensino para todos, voltado para a compensação de qualquer tipo de deficiências, carências e que seja capaz de desenvolver por meio de atividades e ações as funções psicológicas superiores da criança, pautada na Teoria Histórico-Cultural, de maneira a vislumbrar uma educação ideal, onde, as máximas elaborações humanas sejam prioridade.

2 LEGISLAÇÃO E CARACTERÍSTICA DO TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

No Brasil ainda há barreiras para que os direitos fundamentais previstos no artigo sexto da Constituição da República Federativa do Brasil sejam garantidos. Conforme o Art. 6º - Dos Direitos Sociais - Constituição Federal de 1988 –Capítulo II - Dos direitos Sociais. “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2019, p.23).

Segundo a ABRA Associação Brasileira de Autismo (2019), os direitos da criança com o Transtorno do Espectro Autista é uma luta constante da Associação Brasileira de Autismo, a mesma buscou e ainda busca, os direitos por meio de lei que ampare esses indivíduos na educação, na saúde e seu no envolvimento social. Por meio da Lei nº 12.764, aprovada no Congresso Nacional, sancionada pela ex-presidenta Dilma, aprovada no Congresso Nacional, no dia 28/12/2012 - Lei Berenice Piana, há a luta pelo direito de diagnóstico precoce, tratamentos, terapia e medicamentos Brasil (2012). Assim, ainda no ano de 2012, o País amplia seu sistema de proteção social e cuidados, e impõe o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com

Deficiência – Plano VIVER SEM LIMITE. A Lei tem como objetivo atender as principais reivindicações das famílias com a garantia de direitos e cidadania (BRASIL, 2019).

É de fundamental importância lembrar que as pessoas com TEA têm os mesmos direitos garantidos a todos os cidadãos do país pela Constituição Federal de 1988 e outras leis nacionais. Assim, recentemente em 2017, foi inserido por meio da Lei 8.483/2017, o direito a prioridade de atendimento de portadores de TEA, em estabelecimentos públicos ou privados, sob pena de fiscalização e aplicação de multa o estabelecimento que não cumprir a lei, por ser considerado “como problema de saúde pública possui competência comum entre Estados, União, Distritos Federais e municípios, conforme determina o artigo 23, II da Constituição Federal”, uma vez que a “pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (BRASIL, 2017, p.2).

Portanto a Lei não somente possibilita tirar as pessoas com TEA da invisibilidade como oferece condições para que possam superar seus desafios. De acordo com Silva (2011), o transtorno não se constitui um conceito exato. A denominação TEA é utilizada para apontar a existência de uma série de sintomas e condutas associadas e reconhecidas clinicamente, sendo que, na maior parte dessas ocorrências, há sofrimento, fato que se reflete nos aspectos pessoais do indivíduo acometido pelo transtorno.

Assim, em relação às características dos indivíduos com TEA em nossa pesquisa, encontramos que os primeiros estudos realizados sobre o Autismo foram feitos pelo pesquisador médico pediatra e psiquiatra austríaco Leo Kaner no ano de 1943, que a partir de seus estudos documentou suas inquietações acerca das limitações observadas nas crianças que ele atendia em seu consultório. Dentre estas análises ele destacou aspectos no comportamento de seus pacientes, isto é, uma incapacidade em estabelecer relações “ditas normais” com outras pessoas desde o seu nascimento (BOSA, 2002).

Segundo Baptista e Bosa (2002, apud. MELO, 2016, p. 7), Kaner realizou um estudo referente às características que eram mais recorrentes entre as que foram estudadas em seus pacientes e os relacionados ao comportamento se mostraram mais evidentes tais como: “Isolamento excessivo, movimentos repetitivos e estereotipados; atraso ou a não utilização da linguagem enquanto recurso de comunicação”.

De acordo com Papin; Sanches (2013, p.15), o estudo de Kanner apontou para uma sintomatologia, que acompanha a criança desde o nascimento:

Não ter ou manter contato com o ambiente, não apresentar mudanças na expressão facial diante de estímulos advindos do ambiente, não manter contato visual, problemas na aquisição da fala, dificuldade de generalizar 15 conceitos, de usar o pronome eu, o uso da prosódia, tendência a ignorar o que lhe é perguntado, recusa determinados alimentos, apresenta pica, palavra dada ao ato de ingerir objetos não comestíveis, como, giz e sabonete, por exemplo, comportamento repetitivo, criação e manutenção de rotinas, sensibilidade aguçada, para mais ou para menos, dos sentidos, ser suscetível a crises ansiosas diante de mudanças ou alterações bruscas dos ritos.

Assim, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) diz respeito a variadas formas de conduta caracterizada por distúrbios relativos ao desenvolvimento neurológico, e tais distúrbios possuem três aspectos que podem ocorrer de forma conjunta ou isolada, sendo eles: dificuldades na comunicação (já que há problemas na linguagem) e quanto à utilização da imaginação, dificuldades de socialização e também, padrões de condutas limitantes e recorrentes (BRUNA, 2019).

Ainda de acordo com Bruna (2019), a denominação espectro se dá por conta das diversas formas como o transtorno pode ocorrer, apresentando aspectos muito diferentes entre elas e ainda se manifestando em níveis variados de intensidade, porém todas estas formas de ocorrência do transtorno estão diretamente ligadas a limitações quanto à comunicação e a interação social.

Tal transtorno frequentemente se constitui na faixa etária de um a três anos de vida do indivíduo, e atinge uma a cada cem crianças, sendo que a maior incidência ocorre em meninos. Stelzer (2010 *apud* LOCATELLI; SANTOS, 2016 p. 204), definem TEA como “[...] um transtorno cujos sintomas se dão de forma a dificultar e limitar a conduta do indivíduo, no que diz respeito às suas interações sociais, sua comunicação e ainda apresentando ações e comportamentos repetitivos”.

Segundo Biasão (2014, p.116), no ano de 2013, o DSMV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, deixou de existir e em sua classificação passou a considerar o TEA, o Transtorno de Asperger e o TGD - Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, incluindo as crianças com “déficit na comunicação social e interesses restritos, movimentos repetitivos e estereotipados”,

que acometem crianças antes dos três anos de idade. Dessa maneira, a nova proposta foi incluída a categoria diagnóstica transtorno do espectro do autismo (TEA).

E a nova definição de acordo com APA - *American Psychiatric Association*, o DSM-V define o TEA como sendo uma desordem que acomete o neurodesenvolvimento da criança que é caracteriza por “déficits constantes na comunicação social e na interação social, acompanhados por comportamentos, interesses ou atividades repetitivas e restritas dos indivíduos”. O TEA ocorre em 1% da população, ou seja, uma em cada 100 criança, sendo quatro vezes mais frequente em no sexo masculino do que no sexo feminino (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, apud. BIASÃO, 2014, p.116).

Ainda de acordo com a autora supracitada, o TEA é uma doença muito heterogênea, que acomete “tanto indivíduos que não falam e se restringe a movimentos repetitivos quanto aqueles com inteligência normal e com interesses muito restritos” (BIASÃO, 2014, p.116).

Conforme Mori (2019, p.34), por ser o TEA um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, é caracterizado por prejuízo severo e invasivo em diversas áreas do desenvolvimento, principalmente nas áreas em se dá o desenvolvimento em “tais como: habilidades de interação social, habilidades de comunicação, interesses e comportamentos estereotipados”. Dessa maneira segundo a autora, para que haja uma classificação correta há que se levar em conta, “esse conjunto de características que deve se manifestar nos primeiros anos de vida”. Como já foi dito por Biasão (2014), ocorre antes dos três anos de idade e a característica mais referida pelos pais é a falta de interação social. É o que afirma Mori (2019, p. 34-35)

[...] o bebê autista pode apresentar ausência de aninhamento (busca de colo, de aconchego físico), indiferença ou aversão a contato físico, falta de contato visual direto e de respostas ou expressões faciais. Muitas crianças não respondem à voz dos pais, o que faz com que a surdez seja uma das primeiras possibilidades a ser investigadas. É comum os autistas manifestarem preocupação e insistirem na rotina de atividades e mesmo de conservação dos objetos do ambiente na mesma posição. Movimentos como balançar o corpo e bater palmas, anormalidades de postura, como caminhar na ponta dos pés e movimentos estranhos com as mãos, quase sempre estão presentes.

Segundo Silva; Gaiato e Reveles (2012, p. 16), algumas crianças com TEA podem apresentar um falar em terceira pessoa, pois, elas têm muita dificuldade para

externar suas emoções e falam prioritariamente de assuntos de seu interesse e de seu domínio, e falam apenas de uma coisa ou assunto não estabelecem um diálogo coerente.

Elas também não conseguem relatar acontecimentos que já foram vividos por elas, não compreendem a intencionalidade de ironias e provérbios, não compreendem metáforas, no entanto, mesmo com toda essa dificuldade de relacionamento social, são capazes de “repetir frases antigas gravadas em sua memória, falas de um desenho animado, ou ecoar frases que um adulto acabou de falar” (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.16).

Ainda de acordo com esses autores a “comunicação também é prejudicada pela incompreensão da intenção das perguntas e das ações”. Os portadores de TEA têm dificuldade de perceber essas intenções do interlocutor, como por exemplo: "Ele está gostando ou não da conversa?", "Ele quer ir embora ou continuar conversando?", "Será que o tema lhe é interessante ou não?". O que em muitos casos faz com elas não consiga manter um diálogo coerente, voltando sempre aos assuntos de seu interesse apenas. “Tendem a monologar, não deixam as pessoas entrarem na conversa e não percebem as consequências dos seus atos, ao ficarem discursando sobre um único tema” (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.17).

Dessa maneira, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP (2019, p.3), não é surpreendente, que a busca por sinais precoces do autismo continue sendo uma área de intensa investigação científica. Pois, “alguns marcadores potencialmente importantes no primeiro ano de vida incluem anormalidades no controle motor, atraso no desenvolvimento motor, sensibilidade diminuída a recompensas sociais”.

Assim, conforme Mandy (2016, apud. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA 2019, p.3) “O TEA é causado por uma combinação de fatores genéticos e fatores ambientais”. Pois, estudos realizados em gêmeos fraternos, em que surge uma taxa de concordância significativa para o TEA, apontaram uma maior significância entre os que nasceram primeiro em relação aos nascidos depois.

No entanto, ainda de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (SBP, 2019, p.3), mesmo sendo muito importante, “os fatores genéticos não atuam sozinhos, sendo sua ação influenciada ou catalisada por fatores de risco ambiental, incluindo, entre outros, a idade avançada dos pais no momento da concepção”, outra, questão também precisa ser levada em conta, a que dizem respeito os cuidados que

se tem com as crianças, bem como, a sua exposição a certos tipos de medicamento da mãe durante a gestação; o nascimento prematuro e o baixo peso também são aspectos influenciadores.

Assim de acordo com Brasil (2013, apud. MORI, 2016, p.52), a denominação TEA ainda está presente em Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo. Na última versão do Manual de Diagnóstico e Classificação Estatística das Doenças Mentais (DSM), segundo Mori (2016, p.52) “o conceito de TGD foi modificado para Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e deixou de incluir a Síndrome de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância (American Psychiatric Association [APA], 2013)”. Assim, essas denominações deixaram de existir passando todos a integrarem apenas uma denominação o TEA, no que diz respeito a diagnóstico e acompanhamento.

Assim, conforme Mori (2014, apud. 2016, p.53), desde a década de 1980, foram realizadas mudanças na definição do autismo, e isso tem indicado esforços de estudiosos em busca de uma definição única para o autismo e uma distanciação de um conceito que até então estava intimamente ligado a esquizofrenia e psicose. Para um melhor entendimento dessa evolução a autora apresenta o seguinte quadro:

Quadro 1: Definições para diagnóstico do TEA.

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;	II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.
--	--

Fonte: (Brasil, 2012, p. 1, apud. MORI, 2016, p52).

Dentro desse contexto Mori (2016, p.53) relata que essas definições mesmo causando controvérsias entre os estudiosos, muito tem se avançado nos campos das definições e da classificação, bem como na produção do conhecimento. Sendo assim, é fundamental e necessário, “embora não seja uma prática fácil, a inclusão é possível e necessária, trazendo benefícios em termos de socialização e de desenvolvimento”, por meio de intervenções pedagógicas.

A seguir serão apresentadas as contribuições da teoria histórico-crítica, no desenvolvimento das crianças pequenas a partir das máximas elaborações humanas, isto é, o desenvolvimento das suas capacidades superiores.

3 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES.

Segundo Mori e Cerezuela (2015, p. 1253) a teoria Histórico-Cultural é uma corrente de origem da psicologia soviética, na qual segue uma linha materialista, em que tem seu princípio norteado a partir do entendimento de “que o homem é um ser histórico e social e que, pelo processo de aprendizagem e desenvolvimento, participa da coletividade”.

A teoria foi elaborada pelo pensador e psicólogo russo Vygotsky (1896-1934) com a colaboração entre seus seguidores mais clássicos temos Leontiev (1904-1979) (SOUZA, 2011, p.1).

A teoria histórico-cultural tem suas origens nos estudos de Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934). Procurando entender a estagnação em que a psicologia se encontrava no início do século XX, Vygotsky desenvolveu estudos que demonstravam a mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

De acordo com Libâneo e Freitas (2019, p. 4), na concepção de Leontiev 1903-1979), o homem não reage de uma maneira mecânica aos estímulos que ele recebe do meio “ao contrário, pela sua atividade, põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo”. Ainda para os autores Leontiev realizou as suas investigações teóricas com o intuito de demonstrar que o desenvolvimento psíquico do ser humano estava na maneira como o mesmo expressava a sua atividade humana.

Segundo Elhammoumi (2016, p. 26) a Teoria histórico-cultural de Vygotsky foi produzida dentro do quadro teórico do materialismo dialético e da concepção materialista da história dentro do contexto histórico de sua época. “O paradigma histórico-cultural de pesquisa de Vygotsky assumiu a posição de que a realidade é inerentemente material e dialética”. Isto é, todos os seres vivos e a natureza estão em constante mudança, transformação e desenvolvimento.

Dessa maneira, segundo Mori e Cerezuela (2017, p. 347), Vygotsky “atribuía grande importância ao domínio da cultura no processo de desenvolvimento

psicológico da criança”. Dessa maneira, dedicou-se ao estudo “das relações entre cultura e desenvolvimento, trazendo, com isso, inúmeras contribuições para o campo pedagógico”.

Conforme Souza (2011, p.1), em seu artigo “Teoria Histórico-Cultural e aprendizagem contextualizada”. Os estudos de Vygotsky mostravam que “a verdadeira trajetória de desenvolvimento do pensamento não vai ao sentido do pensamento individual para o socializado, mas do pensamento socializado para o individual”. Ainda de acordo com o autor, os estudos de Vygotsky, possibilitou a compreensão de que o pensamento “não é formado com autonomia e independência, mas sob condições determinadas, sob a mediação dos signos e dos instrumentos culturais que se apresentam histórica e socialmente disponíveis”.

Assim, dentro desse contexto, os pressupostos teóricos da Teoria Histórico-Cultural permitem fazer uma reflexão sobre a prática educativa e as intervenções pedagógicas, segundo Chaves et.al. (2017), a teoria apresenta as máximas elaborações humanas. De acordo com as autoras a Teoria Histórico-Cultural, é considerado um referencial teórico e metodológico que promove meios para o desenvolvimento de uma “prática educativa humanizadora”. A autora apresenta em seus estudos que a prática docente deve ser planejada e intencional e ser mediada por um referencial teórico, assim as capacidades de máximas elaborações humanas da criança serão ampliadas e desenvolvidas.

Assim, de acordo com Elhammoumi (2015, p.3), as pesquisas realizadas por Vygotsky sobre o desenvolvimento do ser humano e, primordialmente “sobre o desenvolvimento infantil fazem uma contribuição central para orientar a construção desses novos conhecimentos”, seus estudos “orientam uma nova compreensão e um novo olhar sobre a criança, sobre a infância e sobre a educação da infância”, e de como se dá o seu aprendizado e o seu desenvolvimento.

Dessa maneira Vygotsky (1989, p. 99), afirma que o ser humano aprende por meio de suas interações sociais, que o mesmo, desenvolve as suas funções superiores, isto é, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.” E assim, desenvolvem as suas capacidades psicológicas superiores.

De acordo com Vygotsky (1997 apud MARTINS; RABATINI, 2011, P.104), o desenvolvimento das crianças está intimamente ligado às zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial que segundo ele é onde se encontra na compreensão do

desenvolvimento da criança e a sua interação social a partir da compreensão de suas funções psíquicas superiores, onde se encontra a memória, atenção, o uso da linguagem, a representação simbólica, a capacidade de planejar por meio das interações sociais.

Em seus estudos referentes a zona proximal, Vygotsky (2010), afirma que com a mediação do adulto, a criança poderá adquirir em ampliar seus conhecimentos, o que segundo ele não seria capaz de conseguir sozinha. Ainda de acordo com o autor essa zona precisa ser estimulada por meio de dinâmica do processo de desenvolvimento e assim, poderão ter as suas capacidades ampliadas sendo elas ditas normais ou com alguma deficiência, pois é possível o máximo aproveitamento da colaboração e do ensino oferecidos.

Dessa maneira, a partir destas reflexões é que serão propostas possibilidades de atuação/intervenção com as crianças autistas. Chaves (2014, p.131) faz uma relação entre a Psicologia Histórico-Cultural ou Teoria Histórico-Cultural apresentando-a como: “sendo um referencial teórico para uma proposta de atuar em uma perspectiva de humanização e emancipação”. Dessa maneira, a autora afirma que para que os “procedimentos didáticos sejam ricos de significado, a comunicação, a afetividade e a escolha de recursos e procedimentos devem constar como características essenciais no processo de ensino”.

Portanto, os estudos de Vygotsky “sobre o desenvolvimento humano e, especificamente, sobre o desenvolvimento infantil trazem uma contribuição central para orientar a construção desses novos conhecimentos”. Uma vez que são capazes de realizar a orientação de uma nova compreensão e um novo olhar sobre a criança, sobre a infância e sobre a educação da infância” e sobre as intervenções pedagógicas especialmente na educação infantil (MELLO, 2015.p. 3).

4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS EM CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As experiências vividas pelas crianças são adquiridas desde os seus primeiros anos de vida e são fundamentais para o seu desenvolvimento, segundo Vygotsky (1995, apud. LIMA ET.AL, 2012, p.100), e esses aspectos “intelectuais, emocionais, físicos e morais na criança”, podem acarretar no aparecimento de marcas do que é próprio do ser humano. Pois, com base nos aprendizados e conhecimentos que ela

vivência, a criança vai ampliando as suas possibilidades de realização de atividades práticas e intelectuais, dessa maneira ela “se apropria nesse processo, de nova necessidade de conhecimento.

Conforme pesquisas realizadas na linha Teoria Histórico-Cultural por Leontiev (1978, apud. LIMA ET.AL., 2012, p.93), os estudos estão ancorados as bases científicas com vistas a promover uma educação humanizadora que promova o desenvolvimento por completo do ser humano, especialmente das crianças em idade pré-escolar, em que é fundamental promover ações concretas de vida, bem como uma educação motivadora para que haja o desenvolvimento humano. Não se trata, segundo ele, “de um desenvolvimento espontâneo ou tipicamente herdado, uma vez que a natureza do homem é ao mesmo tempo, biológica e social”. Ainda afirma que “na relação com o outro e com a cultura acumulada, por intermédio de sua atividade, o homem apropria-se das qualidades que o humanizam”.

Dentro desse contexto, Costa e Brandão (2014), afirmam que os alunos com necessidades de atendimentos educacionais especiais como o TEA, requerem uma atenção especial, para que o seu desenvolvimento seja efetivado e seu conhecimento seja ampliado, por meio de atividades diferenciais e específicas dentro do contexto escolar. “A referida premissa tem como base princípios da Teoria Histórico-cultural, em especial aqueles voltados para aspectos do desenvolvimento humano com ênfase na educação escolar” (COSTA; BRANDÃO, 2014, p189-190). Pois, conforme essa teoria, o ensino proporciona avanços na aprendizagem, de acordo com as autoras “o desenvolvimento das funções psicológicas superiores eminentemente humanas, como consequência de um processo dinâmico e dialético”.

Portanto, para Costa e Brandão (2014, p.190), em relação ao que diz a Teoria Histórico-Cultural, as ações e mediações do professor em conformidade com a atividade educativa “organizada, planejada e sistematizada”, precisam ser vista com maior amplitude, com o intuito da promoção e efetivação do desenvolvimento do aprendiz.

Lima, Giroto e Chaves (2012, p 82), complementam esse pensamento, segundo as autoras assim, pertinente levar em conta as variadas condições em que se “transcorre” o desenvolvimento psíquico da criança interferem de maneiras distintas em seu desenvolvimento. As “condições naturais – constituição do organismo, suas funções e maturação – são fundamentais”, pois, sem elas não há possibilidade de se ter o desenvolvimento psíquico, porém, de acordo com as autoras,

não são elas que determinam a formação e o aperfeiçoamento da inteligência e personalidade da pessoa. “Isso depende das condições concretas de vida e da educação, sob influência das quais a criança se apropria da experiência social, da cultura elaborada historicamente ao longo da história”.

Assim, a experiência social é “a fonte de desenvolvimento psíquico da criança, pois é no processo de apropriação dessa experiência, que a mediação acontece por parte do adulto (LIMA; GIROTTO; CHAVES, 2012, p.82). A partir dessa premissa e com o intuito de transmitir os conhecimentos historicamente constituídos, na educação escolar o educador lança mão de instrumentos, signos e símbolos, “impulsionando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e o professor é o grande mentor se acontecimento e deve ter em vistas a uma prática efetiva” (COSTA; BRANDÃO, 2014, p.191).

Dentro desse contexto, Vygotsky apud. Costa e Brandão (2014, p. 191) realiza uma crítica ao professor que tem sua ação centrada apenas no déficit da criança, e faz a proposição de uma educação com “metas semelhantes as traçadas para crianças normais, sem estabelecer limites para a aprendizagem utilizando-se da lei da transformação e da compensação”. Pois, para ele a criança com algum tipo de dificuldade também conseguirá chegar ao desenvolvimento, caberá, portanto, ao professor buscar metas e alternativas, bem como, traçar caminhos para que a criança consiga percorrer.

É responsabilidade do professor estar atento as necessidades e condições especiais da criança com TEA, uma vez que de acordo com Góes (2002, apud. COSTA; BRANDÃO, 2014, p. 191) se baseando nos estudos realizados por Vygotsky afirma que: “é preciso criar formas culturais singulares, que permitam mobilizar as forças compensatórias e caminhos alternativos de desenvolvimento que implicam o uso de recursos especiais”. Portanto, oferecer a ela o que há de mais elaborado em termos culturais e também do conhecimento científico que a sociedade já produziu, por meio de um trabalho organizado, planejado e sistematizado “e com base em uma teórica consistente para subsidiar a sua prática pedagógica a qual pode criar instrumentos e possibilidades para desenvolver o psiquismo humano”.

Assim, dentro dessa perspectiva da Teoria Histórico Cultural, as intervenções pedagógicas são fundamentais para o desenvolvimento da criança na educação infantil, além de promover a sua humanização e emancipação. Portanto, as práticas educativas devem priorizar “a musicalização, procedimentos didáticos com tela,

ensinar a encantar-se por personagens pelo ritmo e movimento das poesias e canções (CHAVES; LIMA; GIROTTO, 2012, p.39).

Nesse sentido, corroborando com Góes, as autoras supracitadas, acreditam que é possível oferecer a criança na educação infantil os “estágios cada vez mais avançados de aprendizagem e desenvolvimento, como propõem os escritos do referencial da Teoria histórico-cultural” (CHAVES, LIMA; GIROTO, 2012, p.39). Elas apresentam um exemplo de intervenção pedagógica:

Assim, apresentar em detalhes as telas de Portinari, brincar e dançar com as letras de Vinicius e Toquinho, contextualizar autor, ilustrador e obra nos momentos de leitura e contação de histórias e atividades literárias decorrentes, permitir a constituição de autoria do leitor durante os processos de leitura com a retextualização configuram-se como possibilidades de apresentar às crianças e educadores as máximas elaborações humanas (CHAVES; LIMA; GIROTTO, 2012, p. 39).

Nesse processo, atividades conhecidas como rotineiras em que a criança realiza ações de “cortar, recortar, colar, pintar, desenhar”, que muitas vezes são vistas como “execução de tarefas e obediência a comandos podem ser de fato atividades significativas e favorecer a aprendizagem e o aprimoramento intelectual de quem aprende e de quem ensina” (CHAVES, LIMA; GIROTTO, 2012, p.42). Para as autoras, essas ações, proporciona à aprendizagem da criança, pois, ela assume uma atitude e lugar ativo de fato cola, brinca, recorta, modela, pinta e também pelos educadores que tem a consciência da sua atuação intelectual e mediadora, e assim, cultivam “práticas pedagógicas voltadas para as atividades infantis movidos pela perspectiva que se aprende a recortar, recortando, a desenhar, desenhando em lugar de facilitar para a criança práticas essenciais a de seu desenvolvimento cultural”. Que de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, são procedimentos metodológicos baseados na relação criança-adulto, como elemento que irá potencializar e elevar os níveis de humanização.

Assim, dentro dessa perspectiva Vygotsky (2001, apud. COSTA; BRANDÃO, 2014, p.190), afirma que: “a aprendizagem é social e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da interação da criança com o seu meio, ou seja, das relações que ela tem com o mundo exterior”. E sendo a aprendizagem de caráter social a criança com TEA, apresenta como maior dificuldade “compreender conceitos científicos escolares que está associada a ausência de alguns conceitos previamente adquiridos”, que são dificultados pela “tríade de comprometimentos apresentados na

síndrome (linguagem, movimentos estereotipados e interesses restritos). A aprendizagem da criança é constituída a partir da sua experiência cotidiana, ou seja, pelo que ela realiza em seu dia a dia, por meio do contato que ela tem com outras pessoas (COSTA; BRANDÃO, 2014, p191-192).

Assim, Camargo e Paes (2014, p. 165), apresentam algumas intervenções específicas que podem contribuir muito para a elaboração e preparação de atividades e situações que podem favorecer o desenvolvimento e aprendizagem da criança com TEA atrelada ao que foi dito pelos estudiosos acima em relação à Teoria Histórico-Cultural, auxiliando no atendimento dessa criança e promover sua inclusão são elas:

- Incentivar a participação em atividades coletivas, visando evitar que se isolem em seu próprio mundo, buscando uma maior socialização e valorização sempre que houver essa integração;
- Conhecer a linguagem utilizada pela criança em seu ambiente familiar, conseguida por meio de uma relação próxima e integrada com a família, estimulando a utilização da comunicação oral com uso de termos claros e objetivos, evitando a utilização de figuras de linguagem e expressões idiomáticas, uma vez que implicam em valores e conceitos muito subjetivos e de difícil compreensão para o autista;
- Respeitar a necessidade da rotina que os deixam mais confortável, mas, ao mesmo tempo, oferecer atividades diversas, apresentando outras, auxiliando no rompimento da repetição e estereotipia;
- Buscar o contato visual, olhando para os olhos deles e chamando-os a olhar para os olhos do outro, favorecendo a interação e o estabelecimento de vínculos;
- Estimular o contato físico, mesmo sabendo que é uma dificuldade para o autista, devendo ser estimulado de maneira carinhosa e não invasiva;
- Reprimir comportamentos auto e hetero agressivos quando ocorrem, de maneira incisiva e firme, mas carinhosa e acolhedora;
- Propiciar atividades que envolvam elementos do mundo ao seu redor (plantas, animais, chuva, sol etc.), objetivando facilitar a diferenciação entre o eu e o outro);
- Incluir músicas associando-as a momentos específicos da rotina da escola como hora do lanche, da pintura, da higiene;
- Utilizar atividades que envolvem o desenho do seu corpo (contornos preenchimento posterior), com uso de tinta, pincel ou os próprios dedos, lápis de cor ou de cera, adequado a faixa etária, quando menores de 4 – 5 anos, pincéis e lápis mais grossos quando maiores podem ser mais finos. O desenho tem funções importantes no desenvolvimento cognitivo e afetivo do ser humanos e pode e deve ser utilizado como recurso pedagógico pelo professor (CAMARGO, 2005);
- Oferecer atividades de encaixar, empilhar, rosquear, montar que auxiliem no aperfeiçoamento da habilidade psicomotora, comprometida nos sujeitos autistas (CAMARGO; PAES, 2014, p.165).

Com as contribuições apresentadas por Camargo e Paes, e sob a ótica da teoria vigotskiana, o CEI – Centro de Educação Infantil, a escola e o ensino de qualidade apresentam uma função determinante no desenvolvimento da criança.

Portanto, a escola tem o papel “fundamental de proporcionar interlocuções significativas”, como as apresentadas por esses autores e pela Teoria Histórico-Cultural, para que seja acessível a todos os alunos, como ou sem necessidades educacionais especiais (como o TEA), ou oriundas de qualquer tipo for a deficiência ou a síndrome. E assim, oferecer uma educação de qualidade para todas as crianças da instituição escolar que ela estiver inserida. Dessa maneira, a intervenção pedagógica do professor deve ser realizada por meio de ações que tenham como objetivo alcançar metas previamente definidas em seu planejamento e em sintonia com o coletivo a escola.

Para finalizar, Mori (2016, p. 56), apresenta uma reflexão acerca dos estudos de Saviani (2005), em que ele apresenta a escolarização como sendo a promotora do avanço “para além das características inatas, por meio da apropriação da cultura material e intelectual presente na atividade humana”. Segundo ele, o homem não nasce ou se faz naturalmente homem, passa por inserções; como explica:

Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo (Saviani, 2005, p. 7, APUD. MORI, 2016, p.56).

Dessa maneira, de acordo com citação de Saviani, o trabalho tem uma finalidade direta e intencional de acordo com a história produzida por cada criança (indivíduo), que faz parte de uma história coletiva produzida pelo homem. Assim, de acordo com Mori (2016, p.56), “a escola é o lugar privilegiado para que esse processo se realize; por meio do ato educativo, os conteúdos produzidos pela coletividade são apropriados pelo indivíduo singular”. Sendo assim, uma escola de educação infantil que é esvaziada de conteúdos resulta também no esvaziamento da criança que é um ser humano, do saber pensar e significar o mundo em que vive, independente se ela tem TEA, ou qualquer outra dificuldade ou mesmo se ela não tiver nenhuma dificuldade, deficiência ou síndrome.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração desse artigo, por meio da leitura e realização de várias pesquisas e levantamento bibliográficos, foi possível concluir que houve mudança na

denominação da classificação e nomenclatura do termo usado para apresentar a síndrome autista, atualmente é conhecida como TEA – Transtorno do Espectro Autista. E que se faz necessário pensar em uma educação-ensino para todos, voltado para a compensação de qualquer tipo de deficiências, carências e que seja capaz de desenvolver por meio de atividades e ações as funções psicológicas superiores da criança, pautada na Teoria Histórico-Cultural, de maneira a vislumbrar uma educação ideal, onde, as máximas elaborações humanas sejam prioridade.

No decorrer do estudo pode-se perceber as contribuições de vários estudiosos sobre a Teoria Histórico-Cultural, dentre eles destaca-se o principal deles todos Vygotsky, segundo ele essa teoria entende o sujeito como sendo um ser social que não nasce pronto e acabado, que pelo contrário ele se constitui por meio das suas relações sócias. E dentro desse processo, são fundamentais as suas práticas sociais e as relações que ele estabelece que vão ganhando relevância durante sua vida, pois, é por meio delas, que ele enquanto sujeito formará as suas qualidades humanas.

Uma vez que, o desenvolvimento psíquico da criança não ocorre de forma estática, e esse fato precisa ser entendido pelos educadores e professores, principalmente pelos profissionais que atuam na educação infantil, pois, mesmo ela sendo tão pequenina já enfrenta momentos críticos em sua vida, que podem afetá-los profundamente, assim é necessário para a constituição da consciência de uma maneira educacional.

Dessa maneira, por meio dos ensinamentos propostos por Vygotsky é possível concluir que é parte fundamental e essencial que a educação infantil, reconheça o seu papel de promover uma educação humanizadora, que assim, venha respeitar e entender a criança como um sujeito ativo e do seu processo de humanização que consiga entender que a primeira infância é uma etapa de grande importância para o processo de humanização da criança. Essa etapa é fundamental, já que é por meio dela que se destaca as qualidades humanas e o preparo para a vida adulta.

Quando o professor é comprometido com a transformação social da sua criança ela cria e organiza de maneira intencional o ambiente escolar, com o intuito de promover as máximas elaborações humanas nas crianças, pois humanizando a criança, o professor também se humaniza.

Dentro desse contexto, por meio da teoria histórico-cultural, o professor passa a compreender e entender o desenvolvimento das crianças como um todo e como ele

ocorre em cada etapa, auxiliando a criança para assim, atender as suas necessidades, já que ela também é um agente transformador e social.

Dessa maneira, o ambiente educacional da educação infantil é propício para trabalhar com o desenvolvimento integral da criança, especialmente de criança com TEA, pois, as atividades de desenvolvimento social, cognitivo e afetivo, promovem a interação das crianças de uma maneira geral. É por meio das intervenções pedagógicas humanizadoras que o professor tem a possibilidade de inserir e promover o desenvolvimento da criança com TEA, pois ainda hoje sabemos muito pouco como lidar, ajudar e trabalhar com criança com qualquer tipo de transtorno, especialmente esse. Mas mesmo assim, é dever do professor promover e oferecer a elas uma educação de qualidade e transformadora, uma vez que ela é capaz de aprender e se desenvolver dentro do ambiente escolar, e levar esse aprendizado para a sua vida diária, para tanto, é necessário um estímulo diário e incessante.

Assim, conclui-se que é de extrema importância saber quais são as principais características do autismo, e é dever do profissional da educação buscar informações e se aperfeiçoar para conhecer mais sobre a síndrome, pois, dessa maneira poderá acolher mais a criança para que ela possa se desenvolver socialmente, para tanto é preciso tratá-la com igualdade, dignidade, respeito, carinho, afeto, e principalmente entender e minimizar as suas dificuldades como aluno e pequeno cidadão, que para tanto é necessário a união da comunidade escolar e da família, para que a criança portadora de TEA, seja vista como um ser humano com direitos e deveres, para que ela também possa ser inserida na sociedade e compreendida por ela.

REFERÊNCIAS

ABRA - Associação Brasileira de Autismo. **História e Atuação**. 2019. Disponível em: <<http://www.autismo.org.br/site/abra/historia-e-atuacao.html>>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

BIASÃO, Mirian de Cesaro Revers. **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: Aspectos Históricos, Clínicos e Educacionais. Organizadoras: Nerli Nonato Ribeiro Mori; Cristina Cerezuela. Maringá: Eduem, 2014.p. 115-129.

BRASIL; Governo Federal. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.Lei nº 12.764**. Brasília: 2012. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm>. Acesso em: 24 ago. de 2019.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Doenças e Sintomas. Drauzio, 2019. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/#>>. Acesso em: agosto de 2019.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo**: atuais interpretações para antigas observações. In C. R. Baptista & C. A. Bosa (Orgs.), *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CADERNOS CEDES. **Súmula do Programa "Viver Sem Limite": Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Cad. cedes, v. 34, n. 93, p. 263-266. Campinas, maio de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0101-32622014000200263>. Acesso em: 02 set. de 2019.

CAMARGO, Janira Siqueira; PAES, Djalma Ferreira. **O AUTISMO INFANTIL E A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO**. *Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: Aspectos Históricos, Clínicos e Educacionais*. Organizadoras: Nerli Nonato Ribeiro Mori; Cristina Cerezuela. Maringá: Eduem, 2014.p.159-168.

CEREZUELA, Cristina; SILVA, Márcia Aparecida Marussi; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **OS ATENDIMENTOS EDUCACIONAIS ESPECIALIZADOS PARA ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO NO PARANÁ**. *Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: Aspectos Históricos, Clínicos e Educacionais*. Organizadoras: Nerli Nonato Ribeiro Mori; Cristina Cerezuela. Maringá: Eduem, 2014.p. 143-157.

CHAVES, Marta. **TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E LITERATURA INFANTIL: POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO DE EXCELÊNCIA**. IV Seminário Internacional de Representações Sociais Subjetividade e Educação – EDUCERE, 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26022_14119.pdf. Acesso em novembro de 2019.

CHAVES, Marta; LIMA, Elieuzza Aparecida; GIROTTO, Cyntia Graziella G. **INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E REALIZAÇÕES HUMANIZADORAS COM PROFESSORES E CRIANÇAS**. *Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil*. Organizadora, Marta Chaves. Maringá: Eduem, 2012. p. 37-49.

COSTA, Deise Aparecida Curto da; BRANDÃO, Sílvia Helena Altoé. **O ATENDIMENTO EDUCACIONAL AOS ALUNOS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**. *Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: Aspectos Históricos, Clínicos e Educacionais*. Organizadoras: Nerli Nonato Ribeiro Mori; Cristina Cerezuela. Maringá: Eduem, 2014.p. 185-196.

ELHAMMOUMI, Mohamed. **O PARADIGMA DE PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY: A LUTA POR UMA NOVA PSICOLOGIA.** Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar / organizadores: Maria Valéria Barbosa; Stela Miller; Suely Amaral Mello. – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. P.25-36.

LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel A. M. da M. **VYGOTSKY, LEONTIEV, DAVYDOV – TRÊS APORTES TEÓRICOS PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A DIDÁTICA.** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Jose%20Carlos%20Libaneo%20e%20Raquel%20A.%20M.%20da%20M.%20Freitas%20-%20Texto.pdf>. Acesso em novembro de 2019.

LIMA, Elieuz Aparecida; GIOTTO, Cyntia Graziella G.; CHAVES, Marta. **LITERATURA INFANTIL, ENSINO E APRENDIZAGEM DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA.** Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil. Organizadora, Marta Chaves. Maringá: Eduem, 2012. p. 79-91.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS Mariana Fernandes Ramos. **Autismo: Propostas de intervenção.** Revista Transformar. Centro Universitário São José de Itaperuna, RJ, 2016. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63>. Acesso em: 08 set. de 2019. P.1-12.

MAIOR, Carmen Denize Souto. WANDERLEY, José de Lima. **A teoria Vygotskyana das funções psíquicas superiores e sua influência no contexto escolar inclusivo.** II Congresso de Educação Inclusiva (CINTED). Campina Grande - Paraíba, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA12_ID2646_13102016173601.pdf. Acesso em: 01 set. de 2019.

MARTINS, Lígia Márcia; RABATINI, Vanessa Gertrudes. A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **Revista Psicologia Política.** São Paulo, v. 11, n. 22, dez. 2011. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v11n22/v11n22a11.pdf>. Acesso em: outubro de 2019.

MELLO, Suely Amaral. **CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A EDUCAÇÃO DA PEQUENA INFÂNCIA.** São Paulo, Universidade Estadual Paulista. **Revista Cadernos de Educação** nº 50, 2015, p. 1-12.

MELO, Carla Caroline Silva de. **ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DIRECIONADAS AO ALUNO COM AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL.** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. NATAL-RN, 2016. P.1-39. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24228/1/WallaceDaSilvaDeAlmeida DISSERT.pdf>. Acesso em outubro de 2019.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **AUTISMO, TRANSTORNO DE ASPERGER E ESCOLARIZAÇÃO: PESQUISA E INTERVENÇÃO EDUCATIVA.** – UEM. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1588277-Autismo-transtorno-de-asperger-e-escolarizacao-pesquisa-e-intervencao-educativa.html>. Acesso em outubro de 2019.

_____. **Psicologia e educação inclusiva: ensino, aprendizagem e desenvolvimento de alunos com transtornos.** Acta Scientiarum. Education Maringá, v. 38, n. 1, p. 51-59, Jan.-Mar., 2016.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. **AUTISMO E INCLUSÃO: LEVANTAMENTO DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM SUA PRÁTICA COM CRIANÇAS COM AUTISMO.** UNISALESIANO. LINS - SP 2013. p.1-85. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>. Acesso em novembro de 2019.

RIBEIRO, Maria Alves; BLANCO, Elza Marília Bazan. **UM ESTUDO SOBRE AS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS AUTISTAS EM SALA DE AULA.** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Estado do Paraná, 2019. Versão on-line. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_elzamarialves.pdf. Acesso em outubro de 2019.

SILVA, Thayna Raysa Costa e. **Diferença entre Distúrbio, Dificuldade e Transtorno.** Instituto Macapaense de Ensino Superior (IMMES). Curso de Pedagogia. Estudo Dirigido. Macapá, 2011. Disponível em: <http://universopsicopedagogico.blogspot.com.br/>. Acesso em: 31 ago. de 2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO Mayra Bonifacio; REVELES Leandro Thadeu. **Mundo Singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2012.

SOUZA, Gilcênio Vieira. **Estudando Vygotsky- Teoria Histórico Cultural e aprendizagem contextualizada.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fevereiro, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/gilvieira/2011/02/02/teoria-historico-cultural-e-aprendizagem-contextualizada/>. Acesso em: outubro de 2019.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev. Semyonovich. **Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar.** In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.